

MARCO TÚLIO CÍCERO – A DEFESA DE LIGÁRIO

Adriano Scatolin¹

Resumo : Apresenta-se a tradução anotada da *Defesa de Ligário*, de Marco Túlio Cícero, precedida de uma introdução que explicita o contexto do discurso e as estratégias persuasivas do orador.

Palavras-chave: Cícero; César; Ligário; discursos cesarianos; época tardo-republicana.

Abstract: This paper presents the annotated translation of Cicero's *Pro Ligario*. The introduction sheds light on its context and the persuasive strategies used by Cicero.

Keywords: Cicero; Caesar; Ligarius; Caesarian Speeches; Late Republic.

Introdução

As circunstâncias do processo

Cícero proferiu a *Defesa de Ligário*,² seu primeiro discurso judicial em quase seis anos,³ no primeiro mês intercalar de 46,⁴ durante a ditadura de César. As circunstâncias eram de todo inusitadas, para não dizer de exceção: o réu, Quinto Ligário, encontrava-se então no exílio, na África, e era julgado *in absentia*; o julgamento cabia a um juiz único, o próprio Júlio César, que era, ao mesmo

¹ Professor de Língua e Literatura Latina do DLCV/FFLCH/USP. O autor gostaria de agradecer a Marlene Lessa Vergílio Borges pela leitura atenta de sempre do texto, em suas várias versões; a Andrea Balbo pela ajuda com o material bibliográfico; e à turma de Língua Latina 7 de 2021 (Luís Alberto Goulart Firmino, Mathias de Souza Pereira e Renan Azevedo dos Santos) pelas animadas discussões sobre o discurso, que teletraduzimos ao longo daquele pandêmico semestre.

² Todas as datas são a. C., salvo observação em contrário; as abreviaturas das obras antigas são tomadas ao OLD e ao LSJ; as das obras modernas de referência estão discriminadas na bibliografia. Referências ao *Pro Ligario* são feitas por seção (§).

³ A última atuação de Cícero no fórum acontecera em dezembro de 52 (ou, para alguns, no começo de 51: cf. Crawford 1984: 230, n. 3), com a acusação contra Tito Munácio Planco Bursa.

⁴ As circunstâncias, referências e fontes do caso estão reunidas em Balbo 2009: 531–533, como complemento de TLRR, cujo recorte temporal termina em 50.

tempo, parte interessada; e Cícero e os irmãos do réu haviam se encontrado previamente com o ditador, numa audiência privada na casa deste, para implorar o perdão de Quinto. Nada disso seria aceitável num processo regular, nos tribunais permanentes do fim da República. O que temos aqui, porém, é um processo inteiramente sob o controle do vencedor da guerra civil, esteja ele exercendo seu pleno poder discricionário sobre os pompeianos derrotados,⁵ ou servindo-se de sua prerrogativa como *dictator*, à maneira de Sula.⁶

Em 50, o senador **Quinto Ligário**, originário da região da Sabina, servira, como *legatus*, ao governador da província da África, o propretor **Gaio Consídio Longo**. Este tornou a Roma em 49 para pleitear o consulado, deixando Ligário como seu lugar-tenente, encarregado da província até que novo governador fosse enviado pelo Senado. Com a eclosão da guerra civil entre César e Pompeu, **Públio Átio Varo**, ex-governador da África que acabara de sofrer uma derrota para o exército de César nas proximidades de Áuximo,⁷ no Piceno, em fevereiro,⁸ desembarcou na província e assumiu o seu comando por iniciativa própria,⁹ com o consenso da população e o assentimento do próprio Ligário (§§3–4), que passou a atuar como seu subordinado, encarregado da defesa da costa. Pouco antes, porém, no começo de janeiro, o Senado já havia designado um novo governador para substituir Consídio, o senador **Lúcio Élio Tuberão**.

⁵ É a hipótese de Bringmann 1986: 80 ss. Cf. também a boa síntese de De Caro 2008: 102: “La scenografia processuale era, in conclusione, un modo in cui Cesare poteva travestire di legalità il suo potere assoluto. Si trattava in realtà di una deliberazione, in cui Cicerone e Tuberone fungevano da consiglieri [...]”

⁶ É a hipótese de Mommsen 1894: 463, n. 3.

⁷ Moderna Osimo, situada na província de Ancona.

⁸ Cf. Caes. *Civ.* 1.12–13. César aponta que, ao se deparar com um parco contingente cesarista, parte dos homens de Varo desertou e voltou para casa, parte juntou-se às suas forças. Varo, por sua vez, completa em 1.31.2, fugiu para a África.

⁹ Cf. Caes. *Civ.* 1.31. César informa também que Varo recrutara duas legiões, depois de assumir o comando da África.

Depois de uma longa viagem à província (§22), Tuberão foi surpreendido por uma situação humilhante: Ligário negava-se a recebê-lo, impedindo que ele e seu filho, **Quinto Élio Tuberão**, então doente, desembarcassem, ou mesmo que recarregassem seu suprimento de água.¹⁰ Diante da afronta, Tuberão dirigiu-se à Macedônia, para se unir às forças republicanas reunidas por Pompeu. Depois da derrota na batalha de Farsalo (junho de 48), os dois Tuberões foram perdoados por César e retornaram a Roma, dando o conflito por encerrado. Ligário, em contrapartida, continuou na África e juntou-se às forças pompeianas, que se haviam reagrupado justamente naquela província para tentar, mesmo depois do assassinato de Pompeu, no Egito, dar continuidade ao conflito, aliando-se (e mesmo subordinando-se)¹¹ ao rei Juba, da Numídia. Depois da derrota republicana, em Tapsos (abril de 46), Ligário foi capturado, junto com o filho de Consídio, em Hadrometo. Recebeu também o perdão de César,¹² mas foi proibido de tornar a Roma, ficando exilado na província.

No final de 46, os irmãos de Ligário e, a pedido destes, Cícero, fizeram uma visita a César, a fim de interceder pela sorte de Quinto. Segundo o relato do Arpinate, em carta a Ligário datada de antes do processo (*Fam.* 6.14.2), os irmãos de Ligário prostraram-se aos pés do ditador, implorando o perdão do irmão, enquanto Cícero falou o que a causa e a tribulação do exilado demandavam.¹³ O orador deixara César com a impressão, baseada em sua linguagem corporal, de que o perdão era provável, quase certo. No entanto, pouco tempo depois,

¹⁰ Nem o discurso de Cícero nem as demais fontes antigas explicam o motivo da recusa. Walser 1959: 91 conjectura que a demora na viagem pode ter despertado em Varo e Ligário a suspeita de que Lúcio Tuberão apoiava a causa de César.

¹¹ Cf. McDermott 1970: 322.

¹² Cf. *B. Afr.* 89.2.

¹³ Ao mencionar o episódio no discurso, em contrapartida (§§13–14), Cícero coloca-se entreos suplicantes, para maior efeito patético.

talvez em reação ao rumor de que César permitiria o retorno de Ligário a Roma, Quinto Tuberão, secundado pelo pai, submetia uma queixa sobre Ligário ao ditador. Este acabaria por acatá-la, autorizando um processo contra Quinto Ligário, que seria realizado em pleno fórum, à maneira do que acontecia nos tribunais regulares da época tardo-republicana. A defesa ficaria a cargo de **Gaio Víbio Pansa Cetroniano**, cesarista (§1), apoiador da política de clemência¹⁴ e futuro cônsul de 43, e Cícero, que falava por último, como era praxe quando assumia defesas em equipe.¹⁵ Os esforços de Pansa e Cícero foram bem-sucedidos e, como resultado, Ligário seria perdoado por César e retornaria a Roma. O benefício concedido não impediu que se juntasse, a pedido de Marco Bruto, aos conspiradores que matariam o ditador, nos Idos de Março de 44.¹⁶

A acusação

Não se sabe ao certo qual foi a acusação feita por Quinto Tuberão contra Ligário. O acusador chegou a publicar seu discurso,¹⁷ a que Quintiliano, cerca de 150 anos depois, ainda tinha acesso. É apenas indiretamente, a partir das indicações do rétor de Córdoba, bem como de uma notícia de Pompônio, no *Digesto* de Justiniano, que se pode inferir o teor de sua denúncia, embora parem dúvidas sobre a natureza exata do crime imputado a Ligário: lesa-majestade (*maiestas*)? Alta-traição (*perduellio*)? Conduta violenta (*vis*)? Uma destas, somada a uma queixa privada de *iniuria*?

¹⁴ Como bem observado por Loutsch 1994: 403, a partir de *Fam.* 15.17.3 e 19.2, e por De Caro 2008: 86.

¹⁵ Cf. *Brut.* 190; *Orat* 130.

¹⁶ Cf. *Plut. Brut.* 11; *App. BC* 2.474.

¹⁷ Cf. *FRLO*: 175 F 3–7.

Da combinação das notícias de Quint. *Inst.* 5.13.31 e Pomp. *Dig.* 1.2.2.46, depreende-se que a queixa sobre a afronta de Ligário aos Tuberões ocupava parte do discurso da acusação. Quintiliano faz uma distinção que talvez seja significativa, empregando o verbo *accusare* para se referir à presença de Ligário na África e o verbo *queri* para se referir à afronta pessoal:¹⁸

Tubero Ligarium accusat quod is in Africa fuerit, et queritur quod ab eo ipse in Africam non sit admissus.

Tuberão acusa Ligário de ter estado na África e queixa-se de que ele não lhe permitiu acesso à província. (Quint. *Inst.* 5.13.31)

Pompônio, em contrapartida, abordando apenas o aspecto da afronta pessoal, usa o verbo *accusare*:

is est Quintus Ligarius, qui cum Africae oram teneret, infirmum Tuberone[m] applicare non permisit nec aquam haurire, quo nomine eum accusavit [...].

Trata-se de Quinto Ligário, que, quando guardava a costa, na África, não permitiu que Tuberão, mesmo doente, desembarcasse ou se reabastecesse de água. Foi por conta disso que [Tuberão] o acusou. (Pomp. *Dig.* 1.2.2.46)

Como quer que seja, é perfeitamente possível que a acusação propriamente dita abordasse o aspecto público, e que a queixa sobre a afronta de Ligário fosse

¹⁸ A distinção já se encontra na própria *Defesa de Ligário*: cf. §§8 (*queritur*); 23: (*querela*); 25 (*querela; queramini*).

usada como elemento suplementar, para destruir a imagem do réu e provocar a indignação de César contra ele.¹⁹ Também a punição prevista na acusação é desconhecida, embora seja plausível que a intenção de Tuberão fosse simplesmente impedir o perdão de Ligário e o seu consequente retorno a Roma.²⁰

A melhor reconstrução do teor do discurso de Tuberão permanece a de Kumaniecki 1967: 443–444, a partir da leitura de Quint. *Inst.* 11.1.80. O estudioso polonês identifica cinco elementos do discurso de Tuberão que serviriam de pilares da acusação, enfatizando as diferenças que separavam acusador e réu: 1) Tuberão retirou-se da guerra logo após a derrota de Farsalo, enquanto Ligário permaneceu obstinadamente no conflito em solo africano, até sua captura, depois da batalha de Tapsos; 2) Tuberão participara de uma guerra que consistia na *contentio dignitatis* de Pompeu e César, ao passo que Ligário, aliando-se ao rei Juba e aos africanos, travara guerra contra a República; 3) por consequência, a postura de Ligário configurava um *scelus*, a de Tuberão, não; 4) o objetivo da ida de Lúcio Tuberão à África era o de adquirir suprimentos de grãos para Roma, enquanto Ligário teria participado da guerra por ódio a César; e 5) Quinto Tuberão era jovem e seguira o posicionamento de seu pai; já Ligário era um homem maduro e plenamente responsável por suas decisões.

¹⁹ Outra interpretação possível, aventada por Bauman 1967: 145–146, é que o próprio fato de ter negado a Tuberão o acesso à província constituiria crime de lesa-majestade, no sentido do não cumprimento dos deveres de governador da província. Tal leitura, apoiada também no fatode que Quinto Tuberão era um jurisconsulto e que tal detalhe não lhe escaparia, tem a vantagem de conferir extrema coesão à acusação.

²⁰ Cf. Neumeister 1964: 46; Bringmann 1986: 78. Tal interpretação parece corroborada pelas palavras de Quintiliano, em 5.13.20: [*sc. an actio sit*] *inhumana, ut Tuberonis, Ligarium exulem accusantis atque id agentis ne ei Caesar ignoscat* [“se a acusação é desumana, como a de Tuberão, que não só acusa Ligário no exílio, como também o faz para que César não o perdoe”].

A estratégia da defesa

O discurso de Pansa

Do discurso de Pansa,²¹ sabe-se apenas o que Cícero diz em *Lig.* 1, que teria admitido a presença de Ligário na África, mas é impossível tirar maiores conclusões a respeito, dado o tom irônico do exórdio. Em outras defesas por equipe de que temos notícia, sabemos que era comum os patronos dividirem entre si os tópicos da acusação.²² Cícero, falando por último e tendo como principal incumbência influenciar emocionalmente o júri, por vezes discursava pouco ou quase nada sobre as acusações propriamente ditas.²³ Se tal é o caso aqui, pode-se supor que Pansa teria atentado à grave acusação de associação com o rei Juba e os africanos contra a República, que Cícero aborda apenas tangencialmente (o rei é mencionado *en passant*, em *Lig.* 24, e, crucialmente, não como inimigo da República, mas apenas da causa de César).

O discurso de Cícero

Na *Ligariana*, Cícero adota uma estratégia de defesa em vários aspectos inusitada, perfeitamente condizente com a natureza excepcional da causa. De fato, o discurso constitui um caso único de *deprecatio* (“pedido de perdão”) no *corpus* oratório ciceroniano. Segundo a doutrina retórica, a *deprecatio* era uma linha de defesa que consistia na admissão de culpa de uma ação intencional — o que, pelo menos em teoria, não comportava justificativa. O Arpinate, porém,

²¹ *FRLO*: 160 F 2 (= *Lig.* 1).

²² Cf. *Cic. Sest.* 3–5; 14; *Balb.* 1–4; 17; 50; *Cael.* 23; 45–47.

²³ Excelente síntese da questão em Kumaniecki 1967: 445.

combina a *deprecatio* com a *purgatio* (“justificação”), linha de defesa que consistia justamente no elenco de elementos atenuantes da conduta do réu. Dois fatores explicam essa aparente contradição: o primeiro é que Cícero não se encontra num tribunal regular, em que a admissão de culpa seria praticamente impossível: a causa seria encerrada ainda na fase de instrução, perante o pretor, e sequer chegaria a julgamento. Antes, discursa para o novo senhor de Roma, cuja estratégia de vitória, na guerra civil, era assumidamente a de misericórdia (*misericordia*) e de generosidade (*liberalitas*) no confronto com os vencidos, em aberta contraposição à postura adotada por Sula.²⁴ Assim, é mais do que adequado apelar às virtudes de César que são condizentes com sua política: além da *misericordia* (§§ 11; 14; 29; 37), a *clementia* (6; 10; 15; 19; 29–30), intimamente associada a esta, a *liberalitas* (6; 23; 31), a *lenitas* (15), a *bonitas* (37) a *humanitas* (12–14; 16; 29), a *benevolentia* (37) e, por fim, a *sapientia* (6).

O segundo fator é que a “confissão” feita logo no começo da *Defesa de Ligário* é uma falsa admissão de culpa, marcada pela ironia. Cícero confessa, é bem verdade, que Quinto Ligário esteve na África, mas tal não era, certamente, o elemento mais grave da acusação de Tuberão: não há, na confissão, menção à associação com o rei Juba e os africanos, muito menos à suposta conspiração contra a República.²⁵ Depois de expurgar tais elementos e associações da conduta de Ligário, Cícero pode confessar (§1) não uma *culpa* (“culpa”, “responsabilidade”), mas um mero *erratum* (“erro”), não um *scelus* (“crime”), mas apenas um *delictum* (“delito”; §2).²⁶

²⁴ Cf. Cic. *Att.* 9.7c.

²⁵ A confissão “real” só virá no §35, mas camuflada sob a forma de uma rápida concessão.

²⁶ O tema será desenvolvido em 17–19.

A estratégia de reconfiguração da conduta de Ligário permite a Cícero, ademais, colocar réu e acusador no mesmo patamar. Uma vez que a “acusação”, na versão ciceroniana, consistiu no mero fato de ter permanecido na África (e, conseqüentemente, de escolher o lado de Pompeu na guerra civil e pegar em armas contra César), o orador pode equiparar acusador e réu: se Tuberão e seu pai pretendem recriminar o delito de Ligário, têm primeiro de confessar sua própria parte nele, já que também eles se encontravam no mesmo lado da guerra (§ 2).²⁷ E é essa equiparação das partes envolvidas que abre o caminho para o ataque a Tuberão, outro elemento-chave da estratégia do Arpinate, que ocupará boa parte do discurso.

O tratamento das personagens do processo

Quinto Ligário. Os estudiosos modernos são unânimes na conclusão de que Ligário era uma figura de pouco relevo, tanto na política romana em geral como no contexto da guerra civil. A *persona* que Cícero constrói do réu é a de um *legatus* e governador interino exemplar, que, por sua honestidade (*integritas*) e boa-fé (*fides*), teria conseguido manter o difícil equilíbrio de agradar, ao mesmo tempo, os cidadãos romanos instalados na África e os aliados provincianos (§2), que não raro tinham interesses conflitantes. Ao mesmo tempo, o Ligário ciceroniano foi surpreendido pela guerra, na qual não tinha absolutamente nenhum interesse, fosse por conta de sua carreira, com a boa reputação que granjeara, pela correção de seus atos oficiais, junto à população local (§4), fosse por motivos pessoais, mais especificamente, o amor que nutria pelos irmãos (§5)

²⁷ O tema da “hipocrisia” de Tuberão será reiterado nos §§9, 16; 20; 23 e sobretudo em 25.

e o desejo de retornar o quanto antes a Roma (§3). Seguindo essa mesma linha, Cícero procura demonstrar que em nenhum momento Ligário demonstrou uma disposição contrária a César (§§4–6).

Públio Átio Varo. Varo, que no momento do discurso encontra-se na Hispânia com os filhos de Pompeu e as forças republicanas remanescentes, na iminência do enfrentamento com César, é a única peça da facção pompeiana que Cícero está disposto a sacrificar. No discurso, todas as suas ações são apresentadas como questionáveis: sua motivação, ao assumir o comando da província, teria sido a ambição desmedida (§3: *non mediocri cupiditate*); a própria tomada de poder fora ilegítima, porque não ordenada pelo Senado (§§3; 22; 27); e Varo é o responsável, em última instância, pela afronta infligida a Lúcio e Quinto Tuberão (§§22; 25).²⁸ Alguns estudiosos perguntam-se o que teria levado Cícero a não usar o argumento “fácil” de que Ligário estava subordinado a Varo e, portanto, estava apenas seguindo suas ordens.²⁹ É preciso observar, porém, que a estratégia ética de Cícero requer a completa dissociação das duas figuras, para que as características negativas atribuídas a Públio Átio não sejam estendidas, mesmo minimamente, também ao réu.

Lúcio e Quinto Élio Tuberão. Cícero encontra-se na delicada situação de ter de criticar o filho de um amigo muito próximo e de longa data, Lúcio Tuberão, que era, ademais, seu parente.³⁰ Craig 1981 procurou sistematizar a estratégia do orador em situações como essa, a que deu o nome de “*accusator* como *amicus*”. Segundo o estudioso, o método utilizado nesse tipo de causa é o de apresentar, num primeiro momento, o elemento comum que une acusador e patrono, num

²⁸ Também César (*Civ.* 1.31.3) atribui o incidente exclusivamente a Varo.

²⁹ Cf. Walser 1959: 93; Craig 1984: 195.

³⁰ Quinto Tuberão seria casado com uma prima de Cícero, segundo o escólio gronoviano (292.11–12 Stangl).

segundo, o que os aparta na ocasião do processo. Essa estratégia é essencial para não causar ofensa ou indisposição a pessoas próximas. Em nosso caso, a principal semelhança de Cícero com Lúcio e Quinto Tuberão, segundo a interpretação de Craig 1981: 36–37, residiria no fato de terem escolhido o lado de Pompeu na guerra civil; a diferença seria sua postura depois de perdoados: enquanto Cícero quer que o perdão seja estendido a Ligário, os Tuberões lutam para que ele não seja concedido. Cícero fará duras críticas tal posição, qualificando-a de dura (§§13–14), cruel (§§10; 12; 15), desumana (§§14; 16) e própria de gregos e bárbaros (§§11). Dada a natureza do vínculo que os une, porém, Cícero apresentará vários atenuantes a suas críticas (§§8; 12; 20–21; 28).

César. Conforme apontado acima, Cícero fará uso do louvor às virtudes de César que são condizentes com a continuidade de sua política de clemência em relação aos pompeianos derrotados que renunciaram ao conflito armado. Tal estratégia de “louvor condicionado” (no sentido de que ele só é válido caso o ditador atenda ao pedido do orador) é comum aos três “discursos cesarianos”. Intimamente associado ao louvor de César está o da franqueza afetada, que, como muito bem observou Quintiliano, tem função adulatora: chamando atenção para o fato de que pode abordar sem medo questões delicadas como a sua própria participação na guerra civil contra César, Cícero louva a generosidade e a brandura do ditador — a mesma que deverá agora aplicar ao caso de Ligário. Há também dois momentos em que o Arpinate apresenta de maneira mais enfática, quase impositiva, o comportamento que espera de César: 1) quando observa que, ao perdoar Cícero e outros pompeianos, ele os considerou livres de crime (§§18–19) — caso contrário, o próprio orador será obrigado a se ver como um criminoso que recebeu o perdão de César, o que

seria intolerável. Pior: se tal fosse o caso, César teria prestado um desserviço à República, salvando tantos criminosos (§19);³¹ 2) quando chama a atenção para os serviços prestados a César por Tito Ligário, irmão do réu, quando questor (§35),³² dando a entender que o ditador deve agora cumprir seu dever e demonstrar gratidão, retribuindo-lhe com o perdão de Ligário e a autorização de seu retorno.

A disposição da *Defesa de Ligário*

Loutsch 1994: 392 propôs uma divisão simples, elegante e convincente da disposição das partes do discurso, que aqui reproduzimos:

Exórdio 1–2a;

Narração 2b–5;

Primeira digressão 6–7;

Argumentação: primeira contra-acusação 8–16;

Segunda digressão 17–19;

Argumentação: segunda contra-acusação 20–29;

Exórdio 30–38.

Texto latino

³¹ A estratégia é descrita por Neumeister 1964: 52.

³² Não se sabe a data ou o teor de tais serviços.

Seguimos o texto latino estabelecido por Clark 1911, dele discordando apenas em *Lig. 3*, suprimindo *tum* em *qui tum praetor Africam obtinuerat*.

Cícero, *Defesa de Ligário*

1. Uma acusação extraordinária, Gaio César, e até hoje inédita foi apresentada a ti por meu parente, Quinto Tuberão — a de que Quinto Ligário esteve na África —, e Gaio Pansa, muito embora um homem de inteligência notável, fiando-se, talvez, na intimidade que tem contigo, teve o atrevimento de confessá-lo. Assim, não sei para onde me voltar... É que, percebendo que não te inteiraras do assunto por iniciativa própria, nem poderias ter ouvido falar a respeito por outra fonte, eu viera preparado para me aproveitar de tua ignorância e salvar um infeliz. Porém, uma vez que o zelo do adversário revelou o que estava oculto, sou obrigado a confessar, creio eu (sobretudo porque meu amigo Pansa não deixou margem para dúvidas), e, renunciando à controvérsia, consagrar todo o meu discurso à tua misericórdia, que salvou inúmeras pessoas, quando obtiveram de ti não a absolvição de uma culpa, mas o perdão de um erro. 2. Consequentemente, tens aí, Tuberão,³³ a situação mais desejável a um acusador — um réu confesso. Um réu que confessa, porém, ter estado na mesma posição em que tu e um homem merecedor de todo louvor, teu pai, estivestes. Assim, antes de criticar alguma culpa de Ligário, é preciso que confesseis vosso próprio delito.

Efetivamente, Quinto Ligário, quando ainda não havia qualquer suspeita de guerra, partiu para a África como membro da comitiva de Gaio Consídio,³⁴ na

³³ Quintiliano comenta o efeito altamente expressivo desta apóstrofe em *Inst.* 4.1.67.

³⁴ Gaio Consídio Longo, governador da África no biênio 51 (?)–50. Segundo o escólio gronoviano (291 St.), tornou a Roma para pleitear o consulado, deixando Ligário em seu lugar. Cf. *MRR* 2: 242; 250.

qual mostrou seu valor tanto a seus concidadãos como a nossos aliados.³⁵ Com isso, ao deixar a província, Consídio não conseguiria satisfazer as pessoas, se encarregasse qualquer outro de governá-la. Foi assim que Ligário, apesar de suas repetidas e fracassadas tentativas de não aceitar, assumiu a província contra a vontade. Seu governo, no período de paz, assegurou que sua integridade e boa-fé fossem inteiramente satisfatórias a concidadãos e aliados.

3. A guerra eclodiu repentinamente, e quem estava na África soube que ela estava em curso antes mesmo de ouvir falar de seus preparativos. Quando ficaram sabendo, parte por uma ganância insensata, parte por um temor absolutamente cego, puseram-se a buscar um comandante, num primeiro momento, que os protegesse, depois, que cuidasse também de seus interesses, enquanto Ligário, de olho em casa, ansioso para retornar aos seus, não aceitou se envolver em nenhum tipo de problema.³⁶ Entrementes, Públio Átio Varo, que governara a África como propretor,³⁷ chegou a Útica. Foram imediatamente a seu encontro. Ele, porém, em sua ganância nada pequena, assumiu o comando — se é que se pode dar tal nome a um comando conferido a um cidadão privado pela aclamação da multidão ignorante, sem nenhuma decisão oficial.³⁸

4. Foi assim que Ligário, para evitar qualquer complicação do gênero, aquietou-se um pouco com a chegada de Varo. Até aqui, Gaio César, Quinto Ligário está isento de qualquer culpa. Saiu de Roma não apenas sem qualquer perspectiva de guerra, como também sem a mínima suspeita sequer. Partira, como membro da

³⁵ Entenda-se: tanto aos romanos ali residentes como aos provincianos.

³⁶ Cícero insinua que Ligário se manteve neutro, nesse primeiro momento da guerra civil.

³⁷ Não se sabe a data exata da promagistratura de Varo. Segundo *MRR* 2: 228; 237, seu governo teria ocorrido alguns anos antes de 49. Cf. *Caes. Civ.* 1.31.2.

³⁸ Em sua primeira menção no discurso, Varo é duplamente desqualificado: sua motivação, uma ganância desmedida, é torpe, e o comando que assume é ilegítimo, porque desprovido da chancela senatorial.

comitiva, em época de paz, e, dada a sua conduta naquela província tão pacata, era de seu interesse que a paz fosse mantida. Sua partida para a província certamente não te deve causar ofensa. E quanto a sua permanência? Muito menos, pois a partida estava associada a uma motivação que não era torpe, a permanência, a uma necessidade que chegava a ser honrosa. Portanto, esses dois momentos estão isentos de crime: o primeiro, quando partiu na comitiva; o segundo, quando foi encarregado [do governo] da África por exigência da província. 5. O terceiro momento (o tempo que permaneceu na África depois da chegada de Varo), se é criminoso, é um crime por necessidade, não por intenção. Ou será que ele, se de algum modo pudesse escapar dali, teria preferido ficar em Útica a estar em Roma? Ou a companhia de Públio Átio à de seus irmãos, com quem tinha total afinidade? Ou estar com estranhos a ficar com os seus? Se a própria participação na comitiva fora dominada pela saudade e pela inquietude, em razão de seu amor absolutamente extraordinário pelos irmãos, poderia ele manter-se tranquilo, vendo-se apartado deles pela ruptura causada pela guerra?

6. Portanto, até aqui, César, não tens nenhum sinal, em Quinto Ligário, de uma disposição contrária a ti. Peço-te que observes com que lealdade defendo sua causa: estou traindo a minha! Que clemência admirável, digna de ser honrada por todos com louvores, celebrações, escritos e monumentos! Marco Cícero alega, em tua presença, que outra pessoa não tinha a disposição que ele próprio confessa ter sido a sua, sem medo de maquinacões silenciosas de tua parte ou temor do que possas pensar a seu respeito, ao ouvi-lo de terceiros. Repara como não temo; repara como raia a imensa luz de tua generosidade e sabedoria, enquanto discurso para ti. Bradarei o mais alto que puder, para que o Povo

Romano possa ouvir com toda a clareza:³⁹ 7. com o início da guerra, César, e mesmo já perto de sua conclusão, sem que qualquer forma de violência me coagisse, parti, por minha própria determinação e vontade, para pegar nas armas que se haviam empunhado contra ti. E na presença de quem o digo, em suma? Na presença daquele, é claro, que, mesmo ciente disso, devolveu-me à República antes mesmo de me ver; que me enviou uma carta do Egito, recomendando que continuasse o mesmo de sempre; que, mesmo sendo o único comandante aclamado vitorioso em todo o Império do Povo Romano, permitiu que eu também o fosse;⁴⁰ que me autorizou, transmitindo a mensagem por este mesmo Gaio Pansa, aqui presente, a manter os fasces coroados de louro o tempo que julgasse necessário; que considerou que só me concederia a salvação se, ao concedê-la, não a privasse de nenhum de seus ornamentos.

8. Peço-te que observes, Tuberão, como, não hesitando em falar de minha postura, ousou mencionar a de Ligário. Fiz tais observações a meu respeito, por sinal, para que Tuberão me perdoasse, quando eu fizesse o mesmo sobre ele. Aplaudo seu empenho e sua ambição, seja por nosso estreito parentesco, seja por me deleitar com sua inteligência e seus estudos, seja por considerar que a glória de um jovem parente reverterá em algum fruto também para a minha. 9. Mas pergunto o seguinte: quem é que pensa que ter estado na África constitui crime? Aquele, é claro, que também queria estar na mesma província e se queixa de ter sido impedido por Ligário — e que, sem dúvida alguma, armou-se para combater o próprio César. Ora, o que fazia aquele teu gládio, Tuberão,

³⁹ Esta observação funciona como uma espécie de didascália do texto. Cf. Quint. *Inst.* 11.3.166, com os comentários de Casamento 2019: 304–305.

⁴⁰ Cícero governara a província da Cilícia de julho de 51 a julho de 50. Nesse intervalo, comandara uma campanha militar bem-sucedida, ainda que pouco significativa, na região do Monte Amano, e fora aclamado *imperator* pelos soldados.

desembainhado na batalha de Farsalo? De quem era o flanco em que mirava aquele punhal? O que pensavam tuas armas? E quanto a tua motivação, teus olhos, tuas mãos, teu furor? O que deseavas, o que pretendias? Já insisti demais: o jovem parece abalado. Torno a falar de mim mesmo.

10. Estive no mesmo exército. O que mais buscávamos, Tuberão, senão ter o poder que este homem tem? Então justamente quem não foi punido, César, por mérito de tua clemência, conseguirá, com seu discurso, incitar-te à crueldade? Ademais, nesta causa sinto um pouco a falta, Tuberão, também da tua prudência, mas muito mais ainda da de teu pai, porque uma pessoa de inteligência e formação tão notáveis parece não ter conseguido enxergar a natureza desta causa. Se tivesse enxergado, teria certamente preferido qualquer outra maneira de defendê-la a essa tua. Indicias um réu confesso. Não basta. Acusas quem tem uma causa, como afirmo eu, melhor do que a tua ou, no mínimo, como pretendes tu, tão boa quanto ela.

11. Tudo isso é espantoso, mas o que vou dizer lembra mais um prodígio: o efeito dessa acusação não é condenar Quinto Ligário, mas matá-lo. Nenhum cidadão romano fez uma tal coisa, antes de ti: isso são práticas estrangeiras, de gregos irresponsáveis ou de bárbaros selvagens. De fato, o que mais pretendes? Que se ausente de Roma? Que seja privado do lar? Que não viva com seus bravos irmãos, com seu tio Tito Broco, aqui presente, com o filho deste, seu primo, ou conosco? Que fique longe da pátria? Ou será que ele está em Roma? Ou será que pode sentir mais falta de todos eles do que já sente? Ele está proibido de entrar na Itália, no desterro! Logo, não é da pátria que o queres privar (ele já está longe dela), mas da vida. **12.** Porém, mesmo na época daquele

ditador que sentenciava à morte todos os que odiava,⁴¹ ninguém jamais agiu dessa maneira. Ele ordenava que se executassem as pessoas sem que ninguém as acusasse, incentivava-o com recompensas. Tal crueldade, porém, foi punida, alguns anos depois, por essa mesma pessoa que agora queres tornar cruel.⁴² “Mas eu não faço tal demanda”, protestarás tu. Ora, mas é exatamente o que eu penso, Tuberão: conheço tua pessoa, conheço teu pai, conheço tua casa e vosso nome; a aspiração de vossa estirpe e vossa família à virtude, à cultura, à educação, a várias das melhores artes é de meu conhecimento. **13.** Assim, estou certo que não buscais sangue, mas não estais muito atentos. Vossa postura dá a impressão de que não estais satisfeitos com o castigo sofrido até aqui por Quinto Ligário. Que outro há, além da morte? Se está no exílio, como de fato está, o que mais demandais? Que não seja perdoado? Mas isso é muito mais cruel, muito mais duro! O que pedimos com rogos e lágrimas, estirados aos pés de César, fiados não tanto em nossa causa quanto em sua humanidade, tu hás de lutar para não obtermos, hás de interromper nosso pranto, hás de nos impedir, mesmo prostrados a seus pés, com voz suplicante?

14. Se, quando fazíamos isso em sua casa⁴³ — como fizemos e, espero eu, fizemos com sucesso —, irrompesses de repente e começasses a gritar: “Gaio

⁴¹ Alusão às proscrições do ditador Lúcio Cornélio Sula, ocorridas entre novembro de 82 e junho de 81.

⁴² Como edilício (ex-edil), em 64, César ficara encarregado de presidir o tribunal *de sicariis et veneficis* (de assassinos e envenenadores”), no qual aceitara acusações contra aqueles que haviam lucrado com a morte dos proscritos, mesmo estando eles isentos pela *lex Cornelia de sicariis et veneficis*, de 81. Cf. Suet. *Jul.* 11; D.C. 37.10.2; Asc. 90–91C; Schol. Gronov. 293 St.; MRR 2: 162; TLRR: casos 215–217; Hinard 1985: 204–206. Gruen 1995: 76, n. 124, em contrapartida, considera falsa a notícia de Suetônio e conjectura, a partir de *Lig.* 12 e do escólio gronoviano (*multos accusavit et damnavit Sullanos*), que César atuara como acusador nos processos contra os delatores.

⁴³ Cf. Cic. *Fam.* 6.14.2.

César, acautela-te de acreditar, acautela-te de perdoá-lo, acautela-te de compadecer-te dos irmãos, que suplicam por sua salvação”, não terias abandonado qualquer traço de humanidade? Não é muito mais duro que te oponhas no fórum ao que nós pedimos em sua casa, e, em meio a tal desgraça, tentes eliminar esse refúgio de tantos, a misericórdia? Direi abertamente, César, o que penso. **15.** Se, misturada a essa tua tão grande fortuna, não houvesse uma brandura igualmente grande — e é por tua iniciativa, sim, tua iniciativa, que a conservas (sei bem do que estou falando) —, essa vitória teria terminado no mais amargo luto. De fato, como seria grande o número dos vencedores a desejar que te mostrasses cruel, quando os encontramos mesmo entre os vencidos! Como seria grande o número dos que desejariam que ninguém fosse perdoado por ti, dos que criariam obstáculo a tua clemência, quando justamente aqueles que receberam o teu perdão não querem que demonstres misericórdia pelos outros! **16.** Ainda que pudéssemos provar para César que Ligário simplesmente nunca esteve na África, ainda que quiséssemos apelar a uma mentira honesta e misericordiosa para salvar um cidadão arruinado, não seria próprio de um ser humano, vendo um concidadão correr tamanho perigo e risco, rebater e desmascarar nossa mentira — e, se isso coubesse a alguém, certamente não caberia a quem compartilhou a mesma causa e a mesma sorte. No entanto, uma coisa é não querer que César erre, outra, que não se compadeça. No primeiro caso, poderias dizer: “César, acautela-te de acreditar: ele esteve na África, pegou em armas contra ti!” Mas o que dizes, agora? “Acautela-te de perdoá-lo.” Essas não são palavras de um ser humano, nem se dirigem a um ser humano. Quem as usar em tua presença, Gaio César, conseguirá mais rapidamente renunciar à própria humanidade do que te

arrancar a tua.

17. Ora, o primeiro passo e, mais especificamente, a primeira demanda de Tuberão consistiram, imagino eu, em pretender expor o crime de Quinto Ligário. Não duvido que te tenhas surpreendido, seja porque ninguém mais o fez com qualquer outro, seja porque quem o fez estava do mesmo lado, seja porque denunciou um crime inusitado. Dás a isso o nome de crime, Tuberão? Por quê? Aquela causa permaneceu livre de tal pecha, até o momento. Uns a denominam erro, outros, temor; outros ainda, mais duros, dão-lhe o nome de oportunismo, ganância, ódio, obstinação; os mais severos, de temeridade — mas ninguém, além de ti, a chamou de crime, até o momento. No que me concerne, se procuramos o nome que quadra perfeitamente a nosso mal, creio que ocorreu uma calamidade do destino, tomando de assalto as mentes desavisadas das pessoas. Daí que ninguém se deva admirar que os desígnios humanos tenham sido derrotados pela necessidade divina. **18.** Concedamos sua desgraça — embora tal não possa ser o nosso caso, sendo este o vencedor; mas não me refiro a nós, refiro-me aos que morreram —, concedamos que foram gananciosos, coléricos, obstinados; mas concedamos ao finado Pompeu, a muitos outros, que fiquem livres da acusação de crime, de desatino, de alta traição. Quando foi, César, que alguém te ouviu falar algo do tipo? Ou o que mais tuas armas pretendiam, senão te livrar de um ultraje? O que fez teu invicto exército, senão resguardar seu direito e teu prestígio? Ora, quando desejavas a paz, tu o fazias para entrar em acordo com criminosos ou com cidadãos de bem? **19.** De minha parte, César, os consideráveis serviços que me prestaste certamente não pareceriam tão grandiosos, se me visse como um criminoso preservado por ti. Como é que poderias ter prestado bons serviços à República,

se teu desejo era resguardar o prestígio de tantos criminosos? No início, tu o consideraste uma secessão, César, não uma guerra; não um ódio entre inimigos, mas uma desavença entre cidadãos, com ambos os lados desejando a salvação da República, mas divergindo, em parte pelos desígnios, em parte pelos interesses, do bem comum. O prestígio dos líderes era praticamente idêntico, embora o de seus seguidores talvez não o fosse; a causa era duvidosa naquele momento, porque em ambos os lados havia algum elemento aceitável; agora, cumpre considerar como melhor causa a que contou com a ajuda também dos deuses. Depois de conhecer tua clemência, quem não aprovaria uma vitória em que ninguém morreu senão em armas?⁴⁴

20. Mas, deixando de lado a causa comum, passemos à nossa. Qual das duas opções, a teu ver, Tuberão, era mais fácil: Ligário deixar a África ou vós não irdes para lá? “E tínhamos essa possibilidade”, objetarás tu, “se fora uma decisão do Senado?” Se perguntares a mim, responderei que de forma alguma. No entanto, o mesmo Senado enviara Ligário. Ele, porém, obedeceu num momento em que era forçoso obedecer ao Senado; vós obedestes num momento em que já ninguém obedecia, se não quisesse. Estou a criticar-vos, então? De modo algum. Nem poderia ser diferente, considerando vossa estirpe, nome, família, formação. Mas o que não admito é que vos vanglorieis de algo que criticais nos outros. 21. O sorteio de Tuberão foi lavrado num *senátus-consulto*, quando ele não estava presente, impedido, ademais, por motivo de doença: ele decidira usar essa justificativa para declinar. Sei disso⁴⁵ em razão de todos os vínculos que tenho com Lúcio Tuberão: fomos educados numa mesma

⁴⁴ Como bem observa Kumaniecki 1967: 437, n. 7, esta formulação teria agradado tanto a Cícero, que o orador a repetiria quase textualmente em *Deiot.* 34.

⁴⁵ Cícero governava a Cilícia naquele momento, como procônsul.

casa,⁴⁶ fomos colegas de serviço militar e depois nos tornamos parentes, íntimos durante toda a vida. Outra grande ligação é que sempre nos dedicamos aos mesmos estudos. Sei que Tuberão queria ficar em casa, mas tais eram as ações de certas pessoas, tal a maneira como lhe opunham o sagrado nome da República, que, mesmo discordando, não conseguiu resistir à pressão de tais pessoas.

22. Cedeu — ou, antes, obedeceu — à autoridade de um homem ilustríssimo.⁴⁷ Partiu junto com aqueles que defendiam a mesma causa. Demorou-se em sua viagem e, com isso, quando chegou, a África já estava ocupada. É daí que nasce a acusação — ou, antes, a ira — contra Ligário. De fato, se a mera vontade constitui crime, o terdes desejado assumir a África, baluarte de todas as províncias, nascida para promover guerra contra esta cidade, é tão grave quanto outro ter preferido fazê-lo. Esse outro, contudo, não era Ligário: Varo afirmava deter o comando; ele detinha os fascis, pelo menos. **23.** Mas, como quer que seja, de que vos serve, Tuberão, essa vossa queixa? “Não fomos recebidos na província.” E se tivésseis sido? Vós a teríeis entregue a César ou a teríeis mantido, contra ele? Observa que franqueza, ou, antes, que audácia, César, tua generosidade nos proporciona. Se Tuberão responder que seu pai te teria entregue a África, para onde o enviara o sorteio senatorial, não hesitarei em criticar sua decisão mesmo diante de ti, a quem interessava que o fizesse, nos termos mais pesados. Afinal, não é porque tal ação teria sido de teu agrado que teria sido também aceitável. **24.** Mas agora deixo tudo isso de lado, não ofenderei ainda mais teus ouvidos tão pacientes, salvo para não passar a

⁴⁶ Na casa de Lúcio Licínio Crasso.

⁴⁷ Presumivelmente, Pompeu. De Caro 2008: 95 pensa, antes, em Catão.

impressão de que Tuberão teria feito algo que nunca sequer cogitara. Rumavas, então, à província mais infensa de todas a esta vitória, em que um rei poderosíssimo⁴⁸ era hostil a esta causa⁴⁹ e a grande e influente comunidade de cidadãos⁵⁰ tinha aversão a ela. Eu vos pergunto: o que teríeis feito? Ora, ainda me pergunto o que teríeis feito, vendo o que fizestes? Fostes impedidos de botar os pés em vossa província, e fostes impedidos de maneira absolutamente ultrajante.

25. Qual foi vossa reação? A quem vos queixastes do ultraje sofrido? Àquele, é claro, a cuja autoridade obedecestes e cuja aliança fostes buscar para a guerra. É que se vos dirigíeis à província por causa de César, teríeis sem dúvida ido a seu encontro, depois de não serdes aceitos na província. Fostes ao encontro de Pompeu. Que queixa a César é essa, então, se acusais aquele que, de acordo com vossa queixa, vos impediu de fazer guerra contra César? Porém, nesse aspecto, pelo menos, não me oponho a que vos vanglorieis, mesmo mentindo, se quiserdes, que teríeis entregue a província a César. Mesmo se fostes impedidos por Varo e outras pessoas, confessarei a culpa de Ligário, por vos ter privado da oportunidade de conquistar tamanha glória. **26.** Mas repara, César, por favor, na firmeza desse homem tão ilustre, Lúcio Tuberão, que eu, mesmo aprovando, como de fato aprovo, não mencionaria, não soubesse que é sobretudo essa virtude que costumais louvar. Que pessoa, então, já foi dotada de tamanha firmeza? Digo “firmeza”, mas talvez pudesse me expressar melhor dizendo “perseverança”. Afinal, quantas pessoas, depois de não serem aceitas por uma facção, num dissenso civil, e de serem mesmo rechaçadas com

⁴⁸ Trata-se de Juba, rei da Numídia.

⁴⁹ Entenda-se: a causa cesarista.

⁵⁰ Cícero refere-se aos romanos estabelecidos na província da África.

crueldade, teriam tornado a essa mesma facção? Isso é apanágio de um homem magnânimo, a quem nenhum tipo de afronta, violência ou perigo poderia afastar da causa assumida e da decisão tomada. **27.** Ainda que Tuberão e Varo tivessem qualidades semelhantes (honradez, nobreza, lustre, inteligência), o que simplesmente não era o caso, a principal vantagem de Tuberão sem dúvida residia no fato de que fora à sua província dotado de um comando lavrado em senátus-consulto. Impedido de desembarcar, ele não foi ao encontro de César, para não parecer irado; não foi para casa, para não parecer indolente; não foi para uma região qualquer, para não parecer condenar a causa que havia assumido; ele foi para o acampamento de Pompeu na Macedônia, para continuar defendendo a causa que o rechaçara de maneira ultrajante.

28. Ora, como isso não impressionou minimamente aquele que fostes encontrar,⁵¹ não vos empenhastes muito na causa, imagino eu: estáveis no acampamento, apenas, mas em vosso íntimo abomináveis a causa. Ou será que, como acontece nas guerras civis — e isso vale para vós tanto quanto para os demais, por sinal, pois todos estávamos tomados pelo desejo de vencer; de minha parte, sempre fui defensor da paz, mas então já era tarde: era loucura pensar em paz quando já se via o campo de batalha — todos, dizia eu, queríamos vencer — e principalmente tu, é certo, uma vez que chegaste ao local em que morrerias, se não vencesseis. Contudo, considerando a situação atual, não duvido que prefiras a segurança de agora à vitória naquele momento. **29.** Não faria tais observações, Tuberão, se vós vos tivésseis arrependido de vossa firmeza, ou César, do benefício que conferiu. Pergunto agora se buscais punir os ultrajes infligidos a vós ou à República. Se à República, o que haveis de

⁵¹ Alusão eufemística a Pompeu.

responder sobre vossa insistência naquela causa? Se a vós, cuidado para não vos enganardes, pensando que César se mostrará irado contra vossos inimigos, depois de perdoar os seus.

Sendo assim, acaso te pareço ter-me ocupado da causa de Ligário? Acaso te pareço tratar de suas ações? Tudo quanto disse, desejo remeter a um ponto principal, seja ele o senso de humanidade, a clemência ou a misericórdia. **30.** É verdade, César, que defendi muitas causas contigo, enquanto a consideração da carreira política te manteve no fórum, mas certamente nunca desta maneira: “perdoai, senhores jurados, ele errou, vacilou, agiu sem pensar; se alguma vez, daqui para frente...” É a um pai que se costuma interpelar dessa maneira; a um júri, assim: “Ele não cometeu o crime, nem mesmo o cogitou; as testemunhas são falsas, a acusação é inventada.” Supõe, César, que és juiz das ações de Ligário; examina em que acampamento se encontrava: então me calo, não estabeleço sequer as relações que talvez tivessem efeito sobre um juiz: “ele partiu numa delegação antes da guerra, foi deixado ali enquanto havia paz, foi surpreendido pela guerra, durante o conflito não se revelou cruel, estava do teu lado em pensamento e intenção.” É assim que eu falaria a um juiz, mas falo a um pai: “errei, agi sem pensar, estou arrependido; refugio-me em tua clemência, peço perdão pelo delito, imploro que me absolvas.” Se ninguém foi agraciado antes de mim, ajo com arrogância; se tantos outros o foram, tu, que já nos deste a esperança, trata de também nos socorrer.

31. Ou não haverá motivo para nutrir esperanças sobre Ligário, quando tenho a oportunidade até de intervir junto a ti por terceiros? Porém, a esperança em sua causa não reside neste discurso nem nos esforços de teus associados, que intercedem por Ligário junto a ti. É que pude observar e constatar o que levas

mais em consideração, quando um grande número de pessoas se esforça para salvar alguém: têm mais influência sobre ti as causas dos demandantes do que as expressões em seus rostos, e não te interessa quão próximo é de ti quem faz a demanda, mas quanto o é daquele por quem intercede. Com isso, se por um lado dás tanto valor aos teus, que por vezes me parecem mais afortunados os que desfrutam de tua generosidade do que tu próprio, que lhes fazes tão numerosas concessões; por outro, percebo que para ti, como disse, as causas valem mais do que as súplicas, e que te movem sobretudo aqueles em quem observas um sofrimento plenamente justificado em sua demanda.

32. Ao salvar Quinto Ligário, tu satisfarás, é bem verdade, muitos de teus associados, mas considera o seguinte, por favor, como costumias fazer. Posso apresentar aqui bravíssimos varões, os sabinos, que tanto aprecias, e todo o território sabino, flor da Itália e viço da República. Conheces muito bem essas pessoas. Repara na tristeza e no sofrimento de todas elas. Podes ver as lágrimas de Tito Broco, aqui presente, de quem não tenho dúvidas sobre tua opinião, bem como o aspecto lastimável que ele e seu filho apresentam.⁵² **33.** O que dizer dos irmãos? Não penses, César, que defendemos a vida de uma pessoa só: é preciso ou manter os três Ligários na cidade ou expulsar os três daqui. Qualquer exílio é-lhes preferível à pátria, à casa, aos deuses penates, quando ele é o único no desterro. Se agem de maneira fraterna, devota, sofrida, movam-te suas lágrimas, movam-te sua devoção, movam-te seu espírito fraterno; valham as tuas

⁵² Era comum, nos tribunais romanos, que o réu, bem como seus parentes e associados, trajassem, em sinal de tribulação ou pesar, vestimentas enegrecidas de poeira e terra, bem como que deixassem os cabelos desgrehados e por cortar, a fim de provocar a misericórdia do júri. Cf. aexcelente síntese do tema em Dighton 2017, particularmente pp. 349–351 (e n. 40 com exemplos dos discursos de Cícero). Veja-se também o comentário à veste de luto dos demais cavaleiros apoiadores de Ligário, abaixo, em *Lig.* 33.

palavras na vitória. É que te ouvíamos dizer que nós⁵³ considerávamos inimigos todos os que não estavam de nosso lado, ao passo que tu consideravas teus todos os que não estavam contra ti. Podes ver, então, todo este esplendor, esta casa dos Brocos, Lúcio Márcio,⁵⁴ Gaio Cesécio,⁵⁵ Lúcio Corfídio,⁵⁶ aqui presentes, todos estes cavaleiros romanos que comparecem em veste de luto, homens que não apenas conheces, como também aprecias. No entanto, era contra eles que nos encolerizávamos, eram eles que assediávamos,⁵⁷ era a eles que alguns faziam até ameaças. Sendo assim, salva, para os teus próximos, os deles, para que, à maneira de tudo mais que disseste, também isso se revele inteiramente verdadeiro.

34. E a verdade é que se pudesses examinar a fundo a concórdia que une os Ligários, concluirias que os irmãos estavam todos do teu lado. Ou será que alguém pode duvidar que Quinto Ligário teria adotado a mesma posição de seus irmãos, tivesse ele tido a oportunidade de estar na Itália? Quem há que conheça seu consenso harmônico e como que fundido nessa espécie de uniformidade fraterna, que não sinta que qualquer outra coisa teria que acontecer, antes que esses irmãos adotassem posições e destinos diversos? Pela vontade, então, estavam todos do teu lado; pela circunstância, apenas um te foi arrebatado. Ainda que tivesse agido deliberadamente, estaria em situação

⁵³ Entenda-se: os pompeianos.

⁵⁴ Cf. Nicolet 1974: 941–942.

⁵⁵ Cf. Nicolet 1974: 819–820.

⁵⁶ Cf. Nicolet 1974: 851. Em *Att.* 13.44.3, ficamos sabendo que Bruto chamara a atenção de Cícero para o fato de que Corfídio, citado aqui como presente ao processo, já se encontrava morto na ocasião. O Arpinate pede a Ático, então, que empregue sua equipe de copistas para eliminar o erro dos exemplares da *Ligariana*. Em vão: todas as cópias que nos chegaram pela tradição manuscrita apresentam o erro e remetem, portanto, à primeira versão do texto. McDermott 1970: 322 considera o lapso indício de que Cícero não era muito próximo de Ligário e sequer conhecia Corfídio pessoalmente.

⁵⁷ Entenda-se: nós, pompeianos, na época da guerra civil.

semelhante à dos que quiseste ver salvos. 35. Mas ele foi para a guerra, admito, discordou não apenas de ti, como também de seus irmãos: são *estes* que te suplicam, teus simpatizantes! No que me concerne, como sempre me interessei por todas as tuas atividades, lembro bem que tipo de questor urbano Tito Ligário se mostrou no que respeita a ti e a teu prestígio. Mas não basta que eu o relembre: espero que também tu, que nada costumavas esquecer, salvo as ofensas — isso faz parte de tua índole, de tua natureza —, guardes alguma lembrança, rememorando os serviços prestados por este homem em sua questura, bem como alguns outros questores. 36. Assim, este Tito Ligário, aqui presente, que nada fez, então — ele não tinha como adivinhar esta conjuntura —, que não fosse para que o julgasses um homem de bem e teu simpatizante, suplica-te agora a salvação do irmão. Quando, lembrado dos serviços que prestou, fizeres tal concessão a estes dois, ofertarás três excelentes e íntegros irmãos não apenas a si mesmos, a tais varões aqui presentes ou a nós, teus associados, mas também à República. 37. Sendo assim, faz agora no fórum, a estes excelentes irmãos, tão caros a toda a multidão aqui presente, o mesmo que, há pouco tempo, fizeste na Cúria a um homem tão nobre e ilustre.⁵⁸ Tal como concedeste aquele homem ao Senado, oferece também este ao Povo, cuja vontade sempre te foi tão cara, e se aquele dia foi tão glorioso para ti, tão grato ao Povo Romano, não hesites, Gaio César, eu te suplico, em buscar, sempre que possível, um louvor semelhante àquela glória. Nada é tão popular quanto a benevolência, nenhuma de tuas incontáveis virtudes é mais admirável ou mais grata do que tua misericórdia.

⁵⁸ Referência à sessão senatorial em que César perdoou seu inimigo Marco Marcelo, cerca de dois meses antes, tema do *Pro Marcello*.

38. Nada aproxima mais os homens dos deuses do que proporcionar salvação às pessoas.⁵⁹ Tua fortuna não apresenta nada grande demais para que possas, tua natureza, nada bom demais para que queiras salvar o maior número de pessoas possível. A causa talvez demandasse um discurso mais longo, mas tua natureza certamente demanda uma fala mais breve. Daí que, por considerar mais útil que tu próprio fales contigo mesmo do que eu ou qualquer outra pessoa, encerrarei agora, advertindo-te somente que, se concederes a salvação àquele ausente, tu a concederás [também] a estes aqui presentes.

Referências

[TLRR] M.C. Alexander. *Trials in the Late Roman Republic, 149 BC to 50 BC*. University of Toronto Press, 1990.

A. Balbo. «Attività giudiziaria criminale e civile nello stato romano tra la fine della repubblica e i primi anni di Ottaviano». Em: *La repressione criminale nella Roma repubblicana fra norma e persuasione*. Ed. por

B. Santalucia. Pubblicazioni del CEDANT. Pavia: IUSS Press, 2009, pp. 527–576.

R.A. Bauman. *The Crimen Maiestatis in the Roman Republic and Augustan Principate*. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 1967.

⁵⁹ Também em *Marc.* 8 Cícero afirmara que o perdão e a restituição de Marcelo aproximavam César de uma divindade.

K. Bringmann. «Der Diktator Caesar als Richter? Zu Ciceros Reden 'Pro Ligario' und 'Pro rege Deiotaro'». Em: *Hermes* 114.H. 1 (1986), pp. 72–88.

[MRR 2] T.R.S. Broughton. *The Magistrates of the Roman Republic. Suppl.* (1960). v. 2. American Philological Association, 1960.

A Casamento. «*Quantum potero voce contendam*. La *pro Ligario* di Cicerone nel giudizio di Quintiliano». Em: *Ciceroniana Online* 3.2 (2019), pp. 289–307.

A. C. Clark. *M. Tulli Ciceronis Orationes*. Vol. 6. Oxford Classical Texts. Oxford: Clarendon Press, 1911.

C. P. Craig. «The *accusator* as *amicus*: An original Roman Tactic of Ethical Argumentation». Em: *Transactions of the American Philological Association* (1974-) 111 (1981), pp. 31–37.

C. P. Craig. «The Central Argument of Cicero's Speech for Ligarius». Em: *The Classical Journal* 79.3 (1984), pp. 193–199.

J.W. Crawford. *M. Tullius Cicero: The Lost and Unpublished Orationes*. Hypomnemata. Untersuchungen zur Antike und zu ihrem Nachleben. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1984.

A. De Caro. «*Cum sceleratis an cum bonis civibus?* Ironia e riflessione politica nell'orazione *pro Ligario*». Em: *Clementia Caesaris: modelli etici, parenesi e retorica dell'esilio*. Ed. por G. Picone. Letteratura classica. Palermo: Palumbo, 2008, pp. 83–104.

A. Dighton. «*Mutatio Vestis*: Clothing and Political Protest in the Late Roman Republic». Em: *Phoenix* 71.3/4 (2017), pp. 345–369.

E.S. Gruen. *The Last Generation of the Roman Republic*. 2nd edition. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1995.

F. Hinard. *Les proscriptions de la Rome républicaine*. Collection de l'École française de Rome. Rome: École française de Rome, 1985.

K. Kumaniecki. «Der Prozess des Ligarius». Em: *Hermes* 95.H. 4 (1967), pp. 434–457.

C. Loutsch. *L exorde dans les discours de Cicéron*. Collection Latomus: revue d'études latines. Bruxelles: Peeters Publishers & Booksellers, 1994.

[FRLO] G. Manuwald. *Fragmentary Republican Latin — Oratory*. Vol. 3–5. Fragmentary Republican Latin. Harvard University Press, 2019.

W.C. McDermott. «In Ligarianam». Em: *Transactions and Proceedings of the American Philological Association* 101 (1970), pp. 317–347.

Th. Mommsen. *Le Droit Public Romain*. Ed. por Th. Mommsen e J. Marquardt. Vol. 4. Manuel des Antiquités Romaines. Paris: Thorin et Fils, 1894.

C. Neumeister. *Grundsätze der forensischen Rhetorik: Gezeigt an Gerichtsreden Ciceros*. München: Max Hueber Verlag, 1964.

C. Nicolet. *L'Ordre équestre à l'époque républicaine: (312-43 av. J.-C.)* Bibliothèque des écoles françaises d'Athènes et de Rome. Paris: E. de Bocard, 1974.

G. Walser. «Der Prozeß gegen Q. Ligarius im Jahre 46 v. Chr.» Em: *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte* (1959), pp. 90–96.

Recebido em: 03/11/2021

Aprovado em: 03/12/2021